

~~INUNDAÇÃO~~

I N U N D A Ç Ã O

F L O O D

ARGUMENTO CINEMATOGRAFICO

DE

GERALDO SANTOS PEREIRA

RIO DE JANEIRO - 1975

BELO HORIZONTE - 2002 - 2007

PRIMEIRA PARTE

- I -

No mês de outubro do ano de 1954, por ocasião de uma conferência internacional realizada em Londres, o então presidente do Conselho de Ministros da França, Pierre Mendès France, confidenciou aos membros da delegação francesa, que "o Presidente Charles de Gaulle é pela bomba atômica".

Depois acrescentou, com entonação sigilosa e um certo orgulho subserviente:

- "Ele tem razão".

Tanta razão tinha de Gaulle que, voltando ao poder em 1958, lançou, com vontade férrea, as bases que, em pouco tempo iriam transformar a França em terceira potência nuclear do mundo.

Seis anos após o retorno do general ao Palácio dos Campos Elíseos, um poderoso artefato atômico foi acoplado ao ventre de um avião Mirage-IV, integrante do esquadrão Goscogne, colocado em estado de alerta nuclear, pronto para decolar em quinze minutos após a ordem do Chefe de Estado.

No dia 19 de julho de 1966, outro Mirage-IV decolou da base de Hao, na Polinésia Francesa, e largou no Pacífico, próximo ao Atol de Mururoa, uma bomba de 70 quilotons, três a quatro vezes a potência do petardo americano jogado em Hiroshima.

Esses fatos, públicos e notórios, já incorporados à história bélica do mundo, provavelmente não ocorreriam se o físico italiano Enrico Ferri não tivesse sido contratado, em 1942, pela Universidade de Chicago e não tivesse colaborado no projeto Manhattan e produzido a primeira reação nuclear em cadeia, de que resultou a construção da primeira pilha atômica de urânio e grafita, passo inicial para a sinistra invenção da bomba atômica.

Mas, efetivamente, houve Enrico Ferri, houve Hiroshima, houve de

Gaulle, houve Giscard d'Estaing, em cujo período governamental, de 1974 a 1981, a política externa preconizada por de Gaulle e Georges Pompidou, baseando a defesa nacional numa força nuclear independente de dissuasão, que chamaram de force de frappe, foi mantida e ampliada.

A base técnica, científica e estratégica da force de frappe repousou, a partir de 1959, nas centrais nucleares francesas, simultaneamente com a decisão governamental de conceder prioridade à fabricação da bomba atômica e dos aviões Mirage-IV.

Na década de 60 a força nuclear francesa não parou de crescer. Aos Mirage-IV, que os franceses, com certo orgulho nacionalista, chamaram de "cães de guarda" da dissuasão, sucederam os mísseis, ocultos no plateau de Albion, na Haute Provence, e os submarinos nucleares lançamísseis.

Na década de 70 já funcionavam na França as centrais de Marcoule, Chinon, Saint-Laurent des Eaux e Bugey, do tipo grafite-gás; a de Brennilis, do tipo água pesada; de Marcoule, do tipo superegenerador, a de Chooz e Fessenheim e Bugey, do tipo água pressurizada, enquanto outras, em projeto e construção, transformariam os anos 70 na "belle-époque" da França atomizada.

- II -

Quando Valéry Giscard d'Estaing tomou posse, em maio de 1974, na Presidência da República francesa, a force de frappe preparara o país para uma retaliação maciça apocalíptica no caso de um eventual e desatinado ataque inimigo. Tal não aconteceu, felizmente, graças ao bom senso que ainda preside, embora intermitentemente, as relações internacionais das grandes potências militares do mundo.

As visitas que d'Estaing realizou aos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha Ocidental e Irã, bem como os esforços que promoveu, no plano externo, em prol da unificação européia, revelaram ao mundo a disposição francesa de consolidar também no plano internacional o prestígio militar que havia adquirido com sua política nuclear independente.

Nem tudo, <sup>em nenhum</sup> ~~no entanto~~, foi tranquilo na execução da política inter-

nacional gaulesa. Seríssimos problemas encontraria o Governo francês com os desdobramentos estratégicos da force de frappe e a proliferação nuclear em seu território. Problemas de rejeição, pelas centrais nucleares, da radioatividade e a produção de detritos radioativos, popularmente chamados de "lixo atômico", vieram causar desagradáveis aborrecimentos aos franceses e a seu Governo. Ficou público, por exemplo, que uma central de mil megawatts produz anualmente de 60 a 100 toneladas de detritos fracamente radioativos, além de 5 toneladas fortemente contaminadas.

Em 1975 a França produziu 5.400 metros cúbicos de lixo de pequena radioatividade, e 210 metros cúbicos com forte índice de contaminação.

Problemas de outro tipo, agora centrados no plano ~~interno~~, afetariam a França, quando o país iniciou, em 1960, as primeiras experiências atômicas no campo de prova do Polígono Saariano de Reggan, na Argélia. Naquele campo detonou uma bomba por ano, até 1965, quando transferiu as experiências para os atóis de Mururoa e Fangataufa, no arquipélago de Tuamotu, a 1.200 quilômetros de Tahiti, a principal ilha da Polinésia Francesa.

Isto levou a jornalista Anne Isolda a escrever, na revista "Afrique-Asie", que "naqueles minúsculos territórios de nome exótico, a França testa, após 1966, suas armas nucleares e realiza cada ano a explosão de uma bomba".

A reação mundial foi colérica e imediata, provocando o célebre incidente com o navio "Rainbow Warrior" no porto de Auckland, na Nova Zelândia, de que resultou a morte de um militante do movimento pacifista e ecológico "Greenpeace".

Apesar do incidente, Paris não interrompeu os testes no Pacífico Sul, argumentando que outras potências nucleares agiam da mesma forma, detonando bombas, sem se preocupar com a reação contrária das populações locais.

"Os Estados Unidos - justificava o Governo francês - realizaram 65 explosões nucleares nas ilhas Marschall e são responsáveis pelo desaparecimento de seis ilhas daquele arquipélago."

Também argumentavam os franceses que "ninguém se esqueceu ainda da explosão em Bikini, dia 19 de março de 1954, de quinze megatons da

bomba termonuclear americana denominada "Bravo", que contaminou a população dos atóis de Rongelap e de Ailinginae, a 150 quilômetros a leste, e dos vinte e três marinheiros de um barco pesqueiro japonês, também afetados fisicamente pela radioatividade. Citaram-se igualmente as 460 experiências atmosféricas americanas e britânicas na região da Nova Zelândia, entre 1954 e 1961.

Em contra-ataque, americanos e ingleses responderam que haviam abandonado os testes atômicos por força do tratado de interdição de experiências nucleares na atmosfera, no espaço e sob as águas, em 1963, tratado que a França, Índia e China se recusaram assinar.

Tanto o Pentágono, como o Ministério da Defesa francês tentaram tranquilizar a opinião pública, notadamente do Pacífico, dizendo que os testes nucleares não comportavam risco.

- "Se são inofensivos - retrucavam os pacifistas e ecologistas - por que vão realizá-los tão longe, podendo fazê-los em Paris, Washington ou Londres?"

Nada, contudo, intimidou os franceses. Desconhecendo protestos, comícios, passeatas e abaixo-assinados com gloriosas assinaturas de artistas, escritores e políticos de todo o mundo, a França prosseguiu com os testes na Polinésia, causadores de dramáticas mudanças meteorológicas na Oceania, causando chuvas intensíssimas e inundações catastróficas, com mais de duzentas mortes, milhares de flagelados e prejuízos de muitos milhões de dólares.

- III -

- Fico imaginando o ódio surdo e impotente dos pescadores da Polinésia diante das explosões francesas! - comentou Arthur Pellman, diretor de um banco de Nova York, para o calmo fabricante de cosméticos da Virgínia, Paul Hendersen, lendo matéria internacional do "New York Times".

- Li outro dia - respondeu Hendersen - que a França proibiu a pesca numa área imensa do arquipélago de Tuamotu.

Bebou outro gole de uísque, que um garçon do Clube de Caça e Pesca de Nova York lhe trouxera, contemplou as pernas de uma deleitosa senhora, que cruzou o salão iluminado por ricos candelabros.

- Por falar nisso, Arthur, você decidiu participar da pescaria no Amazonas, em agosto? - perguntou o industrial, com o tom de voz já afetado pela bebida.

→ - Ainda estou pensando, Paul. Mas muito interessado na viagem. Só falta resolver alguns problemas familiares - respondeu o banqueiro, ainda com o jornal aberto.

Paul Hendersen aproximou mais a poltrona do amigo e, baixando o tom de voz, quis saber:

- É o divórcio, como vai? Não vai atrapalhar a viagem?

- Está difícil, Paul. A Myriam continua resistindo, e acusa a Shirley de pivô da separação.

- Também essa sua secretária é um "estouro" de mulher - comentou Paul Hendersen, que invejava o companheiro de pescarias.

Arthur Pellman dobrou o jornal e, voltando-se inteiramente para o amigo, fez a confidência sigilosa:

- Quer saber <sup>de</sup> uma coisa, Paul? Estou "cheio" da Myriam, apesar de todo o dinheiro que possui. Arrisco meu cargo no banco, mas não abro mão da Shirley! A vida é curta, caro amigo, e uma mulher como ela, numa cama, vale mais do que um assento na sala de reuniões do banco!

- Inteiramente de acordo com você, Arthur! - concordou Paul Hendersen, que não tirava os olhos da senhora, à sua frente, apesar de sentada ao lado do marido.

Sorveu outro gole. Depois sugeriu, solidário com o amigo:

- Por que não leva a moça com você? Já imaginou pescaria melhor do que esta?

- Acha que não pensei nisso, bobalhão? Ela está entusiasmada com a viagem. Também é doida por pescaria e já andou lendo muita coisa sobre a região amazônica.

Nesse exato instante, aproximaram-se dos dois, chegando do restaurante, um jovem de porte atlético, Frederic Farrow, herdeiro de grande fortuna amalhada em especulação imobiliária, e Edward Lacorte, dono de uma cadeia de lojas de roupa masculina em Nova York.

Paul e Arthur levantaram-se e os receberam com efusão. Depois que se cumprimentaram e tomaram assento num sofá, os recém-chegados, também integrantes do grupo com destino ao Amazonas, meteram-se na conversa.

O primeiro a falar foi Lacorte, ex-colega de Pellman na Universidade de Columbia:

- Então, grandes pescadores? Tudo certo para o "charter" amazonense?

Depois acrescentou:

- O grupo de caça já está completo.

- De minha parte, tudo certo e decidido - respondeu Paul Hendersen. - Só p Arthur ainda não se decidiu inteiramente.

- Nos próximos dias darei resposta definitiva ao Michael, do "World Safari". Mas acho que será positiva - explicou o banqueiro, tocado pelo entusiasmo do grupo.

Foi quando Edward Lacorte quis saber, dirigindo-se a Paul Hendersen:

- Me diga uma coisa, Paul: teve informações sobre o clube de Manaus? Como se chama mesmo? Tem um nome esquisito.

Paul Hendersen, que era um homem organizadíssimo, apanhou do chão, encostada na poltrona que ocupava, uma pasta "Sansonite", abriu e dela apanhou um "dossier" da agência de viagem que promovia o "charter" para o Brasil.

Dentro de uma pasta via-se diversos folhetos promocionais, que o industrial abriu e exibiu aos amigos, dizendo:

- Apanhei este material com o Michael, no "World Safari". Dá todas as informações sobre a "Maloca International Hunting and Fishing Club", com sede em Manaus, associada ao "World Safari Tours".

Os folhetos passaram de mão em mão. O clube brasileiro se instalara poucos meses antes nas proximidades de Manaus, e constava de diversas cabanas cônicas, no estilo das malocas indígenas, tendo ao centro uma grande construção também de madeira, que chamavam de ocara, sede da organização, com bar, restaurante, salão de jogos e de estar. Os alojamentos, em forma cônica, eram dotados de quarto, banheiro e sala de estar, com ar condicionado e agradável decoração.

O clube, instalado à margem de um tributário do Rio Negro, também possuía veículos, lanchas e equipamentos completos de caça e pesca, além de guias e serviços de assessoria e segurança.

No material, que os quatro amigos examinavam com visível interesse,

explicava-se que a temporada, que ia de dez a trinta dias, incluía passeios no rio e na selva, explorando a paisagem amazônica, bem como visitas a parques nacionais e atrativos que faziam parte do "out-door recreation", como exibição de danças, torneios folclóricos, exibição de filmes e programação social na ocara central e em locais de Manaus.

Lacorte, que examinava atentamente o folheto, dirigiu-se aos colegas, que o escutavam com divertido interesse:

- Atenção, senhores pescadores! Ouçam o que diz este folheto.

E começou a ler:

- "A bacia fluvial amazônica, de acordo com o que escreveu José Veríssimo no livro "A Pesca na Amazônia", a mais vasta e a mais caudalosa do mundo, é também a mais rica em peixes de infinita variedade.

→ Louis Agassiz, que especialmente lhe estudou a fauna ictiológica, encontrou aí nada menos de 1.800 espécies, mais que as então conhecidas da bacia do Oceano Atlântico, o dobro das do Mediterrâneo, já então larga e profundamente estudadas, dez vezes tantas quanto conhecia Lineu no mundo inteiro, cerca de um século antes".

- "My God"! - exclamou Farrow, eufórico. - É peixe que não acaba mais!

- Pesco a metade de tudo isto! - estrugiu Pellman, com seu vozeirão de acordar quarteirão.

- O problema - comentou Lacorte - é trazer tanto peixe para os "States"...

92  
- Agora prestem atenção, senhores caçadores, - advertiu Lacorte, com o folheto na mão.

E recomeçou a ler:

- "Com relação à fauna animal silvestre, sabe-se que Natterer colecionou no Brasil 1.179 exemplares de mamíferos e 12.293 de aves. Os trabalhos científicos de Wallace e Henry Bates calculam em cerca de 300 as espécies distintas de mamíferos e 2.000 de aves".

Interrompeu a leitura para examinar a expressão entusiástica dos aficionados da caça, antecipando no espírito a excitação de grandes caçadas na Amazônia.

E prosseguiu:

"Se, comparativamente ao continente africano, o Brasil perde em

quantidade e, principalmente, em volume de caça animal, com relação às aves, no entanto, ganha com grande diferença".

→ - Fantastic! - exclamou Frederic Farrow, especialista da caça às aves, com medalhas e troféus conquistados em competições nos Estados Unidos e outros países. - Pensei em levar ao Brasil somente minha espingarda Greener, que comprei ano passado em Londres. Mas, diante desta variedade de caça, de todo tipo e tamanho, levo também meu Westley Richards, calibre 375.

Depois voltou-se para Lacorte e pediu:

- Continue, continue, caro amigo!

- "A revista "Realidade" - prosseguiu Lacorte - publicou, em 1971, uma impressionante reportagem, na qual calculou em 500.000 o número de jacarés mortos em 1970 na Amazônia, além de 30.000 onças e 370 gatos menores, dizimados na caça profissional e clandestina".

- Clandestina? - interrompeu Pellmann, meio preocupado. Não haverá problemas conosco, no Brasil?

- De forma alguma - explicou Lacorte. - Desceremos no Brasil como amadores e turistas, e o local para onde vamos não está interdito à caça e pesca. Pelo menos é o que diz o folheto do clube Maloca, e o que informou Henry Smith, da "World Saffari". Quanto a isto, podemos nos tranquilizar.

Depois indagou:

- Querem ouvir o resto, ou já se chatearam bastante?

→ - Go ahead - pediu Hendersen, com a voz já um pouco afetada pelo uísque. - Continue, continue! Gosto de me informar sobre a região onde vou passar férias. Go on, please!

- Então, lá vai mais - disse Lacorte, virando a página do folheto. - "Pierre Mori, industrial da caça na Amazônia, afirma que o Brasil tem entre 70% e 80% do comércio mundial de peles silvestres do tipo luxo: felinos, lontras, ariranhas e cobras. Calcula o conhecido caçador suíço...

- Conheci Monsieur Mori no Quênia - informou Farrow, cortando pelo meio a frase. Sujeito fabuloso, ex-campeão mundial de caça silvestre.

- ..."que 10.000 homens vivem da caça no baixo e médio Xingu, o Tocantins e Tapajós, de que resultou, segundo ele, esta estatística impressionante: 50.000 peles de gato maracajá; 100.000 de pintadas; 16.000 de

peludos; 6.000 onças, além do contrabando e as peles perdidas, com um total de 400.000 animais mortos".

- Além dos 10.000 que Farrow vai dizimar, com seu poderoso armamento bélico - brincou Pellman.

- 10.000?... Só 10.000? - acrescentou Farrow, cioso da fama granjeada em três continentes. - Muito mais do que isto!

- My God! - bradou Hendersen, impressionado. - O homem é uma fera!

- Vou acabar, gente. Escutem só: "O Estado do Amazonas exportou, em 1970, 408.975 peles de caetitús; 127.505 de queixadas e mais umas 175.000 entre veados e capivaras. Ao todo, mais de 700.000 animais".

- E vai sobrar algum para nós? - perguntou Frederic Farrow, entre sério e galhofeiro.

- "Estes são números que atestam a fauna prodigiosa da região amazônica - prosseguiu Laforge, sorridente. - Fauna que transforma a Amazônia no paraíso de pescadores e caçadores de todo o mundo. Um paraíso fascinante que a "Maloca Internacional" coloca à disposição dos aficionados de todo o mundo".

- IV -

A nomeação, em setembro de 1970, de André Giraud para o cargo de administrador geral delegado do Commissariado para a Energia Atômica (C.E.A.) da França, deu início a uma completa e revolucionária reestruturação do órgão que, naquele país, financia, coordena e executa a política nuclear, civil e militar, além da pesquisa, proteção e segurança, aplicações industriais e programas de interesse geral.

Apesar das restrições e processos de privatização que Monsieur Giraud imprimiu à entidade, o Commissariado continuou sendo, na década de 70, uma organização importantíssima, em torno da qual se construiu o ciclo francês dos combustíveis nucleares e se aprofundou a pesquisa fundamental aplicada ao aperfeiçoamento dos reatores existentes e a preparação para a construção dos reatores do futuro.

No domínio das aplicações militares, o papel da C.E.A. francesa é de enorme relevância. Os 6.600 empregados da organização, no ramo militar, foram distribuídos para os centros de Bruyères-le-Chatel, Limeil,

Le Ripault, o Centro de Estudos de Aquitânia, em Valduc e Vaujours.

→ Naqueles centros, o Comissariado dedicou-se a pesquisas e fabricação de armas nucleares, à sua produção em série e, finalmente, aos testes realizados na Polinésia francesa.

Le Monde, o mais prestigioso jornal francês, em detalhada reportagem publicada em 1975, conseguiu a proeza de romper a barreira fechada do sigilo que vinha cercando a atividade do órgão, ~~revelando~~ <sup>revelando</sup> anova estrutura da organização, a multiplicidade das filiais criadas, sua interligação técnica, administrativa e operacional e, finalmente, seus vínculos com 52 sociedades privadas ~~da França~~ <sup>da França</sup>, Canadá, Austrália, Nigéria, Gabão e outras nações.

Entre os programas de armamento nuclear desenvolvidos pelo Comissariado, destacava-se o armamento tático do exército de terra (sistema de arma Plutão), e do exército de ar (bomba aerotransportada).

O que, na verdade, desde o início da década de 70, vinha preocupando seriamente o governo dos Estados Unidos era a notória superioridade francesa na construção e funcionamento das usinas de reutilização dos combustíveis irradiados e a construção dos superegeneradores.

A preocupação central dos americanos residia no fato de que as usinas de reprocessamento dos combustíveis irradiados eram braços vitais das centrais nucleares clássicas, recuperando um produto fundamental no universo nuclear, o plutônio. Sabia-se internacionalmente que o país que possuísse o plutônio estaria em condições de fabricar a bomba atômica. E isto apavorava os americanos, que tentaram de toda forma proibir a venda de usinas desse tipo, conseguindo a anulação de contratos de venda efetuados pela França com os governos da Coreia do Sul e do Paquistão.

A proeza tecnológica da França, construindo em fins da década de 60 um superegenerador de 250 megawatts, o Phénix, aumentou a controvérsia e os conflitos, no campo nuclear, com o governo americano.

O centro da resistência dos Estados Unidos à exportação das usinas nucleares francesas e de outros países, como a Alemanha ~~Ocidental~~ e Inglaterra, residia, naturalmente, no jogo acirrado de competição comercial e estratégica.

No início da conquista nuclear, o urânio, como se sabe, era o combustível vital das centrais, da mesma forma como o carvão e o óleo o foram nas centrais térmicas e clássicas. O urânio enriquecido os principais

países produtores, como a África do Sul, o Canadá, os Estados Unidos, a Austrália, Tchecoslováquia e União Soviética.

Como o teor do mineral em urânio era muito fraco (de 0,1 a 0,5 por 100, foi necessário proceder à sua concentração antes de transportado para as usinas de refinação.

Mas o enriquecimento do urânio não era absolutamente necessário, explicaram os cientistas, provando que uma central pode funcionar com o urânio natural, como no caso das "fieiras" de grafite-gás e à água-pesada.

Para a tecnologia de água leve, utilizada na França e em vários outros países, tornou-se indispensável o processo de enriquecimento, isto porque, como se sabe, o urânio natural é composto de dois isótopos: o urânio 235, que é físsil, isto é, pode ser dividido em dois ou três segmentos com uma liberação de energia, e o urânio 238, que é indivisível.

Numa central comum, somente o urânio 235 é utilizado, entrando com 0,7 em 100 gramas de produto natural. O restante, 99,3 gramas, pertence ao urânio 238.

Tornou-se, conseqüentemente, indispensável modificar esta proporção para a fabricação de um combustível útil. Este o papel do enriquecimento que elevou a proporção de urânio 235 para 3% de uso civil, e a mais de 90% para uso militar (fabricação da bomba A).

Em Pierrelatte, centro de uso militar, chegou-se ao enriquecimento de 95%.

O método químico, descoberto na França, permitiu enriquecer o urânio a custo industrial conveniente, somente a 3%, evitando a proliferação para uso militar.

A imprensa francesa, traduzindo o ponto de vista tanto de autoridades e chefes militares, como a opinião pública, revelou que, do lado francês e europeu, a pressão americana pelo controle do ciclo do combustível nuclear e da proliferação de armas atômicas era apenas um pretexto para a desmobilização da indústria nuclear francesa, alemã ou japonesa. No fundo, o que prevalecia era um duro jogo de interesse comercial, de competição política.

A França resistiu, com bravura e espírito nacionalista e independência política e industrial, prosseguindo com firmeza o programa nuclear até alcançar posição privilegiada no domínio e utilização do plutônio.

O orgulho francês exprimia-se cada vez mais no domínio nuclear, que o país adquiriu por seus próprios esforços e recursos, a partir da ousada determinação do general de Gaulle. Graças à determinação e ao espírito de firme independência e soberania, a França, em pouco tempo assumiu o terceiro lugar como potência nuclear.

- V -

"Nenhum lugar é demasiado longe, nem demasiado perto, para o exercício da missão. Todos os grupos de cristãos existentes no mundo estão hoje cercados por povos que negam ou desconhecem a mensagem de Cristo. Esses grupos de cristãos, que constituem a Igreja enviada por Deus, têm uma responsabilidade imediata perante eles. Mas porque a Igreja representa o Cristo cósmico, Rei dos Reis e Salvador de toda a humanidade, a responsabilidade desses grupos de cristãos não está limitada à sua situação imediata. A ordem "Ide" requer da Igreja que exercite a sua missão tanto na área efetiva onde já está estabelecida, como naquelas onde ainda não está".

Este trecho do livro "Protestantismo", de J. Leslie Dunstan, estava sendo atentamente lido por Sister Maude Davidson em seu alojamento da Universidade de Loma Linda, na Califórnia, onde lecionava.

Sister Maude era uma pessoa solitária e refletida, deixando ver no rosto precocemente envelhecido uma melancolia quase aflita, reveladora de sofrimento íntimo e secreto.

A religiosa ainda hesitava em partir para a missão na Amazônia da Igreja Adventista do Sétimo Dia, fundada por Ellen G. White. Viuva, sem filhos, Maude Davidson formara-se em Medicina, na mesma Universidade onde lecionava Pediatria há alguns anos.

Participara da missão de assistência médica na Nigéria, realizada em 1975, ano em que 1.062 adventistas foram enviados em missões evangélicas, médicas e assistenciais a várias partes do mundo.

A indecisão em partir para o Brasil preocupava particularmente Dorothy Spencer, sua aluna em Loma Linda, uma religiosa entusiasmada com o projeto de viagem e permanência na missão instalada dez anos antes em Codajás, à margem do rio Solimões.

Dorothy vinha, há algum tempo, tentando influenciar a amiga e mestra para integrar o grupo missionário que, proximamente, viajaria para a região amazônica. Aliás, não só ela, como igualmente o Pastor Bernard Stewart, que iria chefiar a missão ~~no Brasil~~ <sup>no Brasil</sup> e conduzir o grupo adventista integrado por médicos, sanitamistas, pedagogos e evangelizadores, alguns com experiência em missões semelhantes na Ásia, África e Oceania.

Aquela, contudo, não seria a primeira viagem ao Brasil do Pastor Stewart, que já residira três anos em Codajás. Falando fluentemente o português e a língua dos indígenas da região, o Pastor tinha destacadas qualidades de liderança e irretorquível autoridade naquele universo polêmico e primitivo.

Considerava que o objetivo das missões no exterior "era um dever de cristianização da cultura, da civilização e da moral de todas as nações".

Nas pregações que fazia no templo de Loma Linda, ouvidas com respeitoso silêncio, repetia as palavras de Dunstan, de que "a guerra deve ceder lugar à indústria como interesse dominante dos povos selvagens; que a educação deve encarrregar-se dos jovens, para que a influência cristã pudesse desde cedo moldar seu caráter e consciência; que os preconceitos e a hostilidade devem ser superados pela filantropia, as benesses do Evangelho, preparando o favorável acolhimento de suas bênçãos".

Durante semanas mantivera os missionários selecionados para a viagem ao Brasil em retiro espiritual, conferências e discussões teológicas e práticas, preparando-os para as duras tarefas que iriam enfrentar na escaldante região amazônica.

Numa das reuniões, discutiu-se a hostilidade que as missões encontram comumente no Brasil. O Pastor citou a acusação reiterativa que historiadores, políticos e grupos nacionalistas faziam tradicionalmente contra o que chamavam de "dominação imperialista das nações desenvolvidas sobre os povos pobres e subdesenvolvidos, servindo-se das religiões como instrumento para seus desígnios".

→ Stewart chegou a citar um compatriota seu, o escritor Theodor Dreiser, em cujo livro "A América Trágica" fizera denúncias sobre a ligação do capitalismo com a religião difundida nos países pobres, escrevendo, à certa altura:

"Os donativos de Rockefeller eram feitos com a idéia de retorno ma-

terial para a Standard Oil, sua empresa, porque, como Rockefeller mesmo explicava: "se derdes alguma coisa, vossos dividendos de Salvação aumentarão". Em todo o caso, como revelam suas diversas declarações públicas, não conhecia somente o valor da religião como um bálsamo para os males econômicos, mas também o valor dos missionários para o comércio exterior. De fato - disse Dreiser, - tenho lido artigos de publicações como a "Review of Review", a "Literary Digest" e outras que mostram como os tambores de petróleo seguem o missionário".

- Vocês ouvirão, certamente - prevenia Bernard Stewart - outras acusações contra nossa presença no Brasil. Ouvirão dizer que nossa atividade evangélica na Amazônia oculta práticas ilegais de pesquisa, exploração e contrabando de ouro, diamante, pedras preciosas e minerais raros.

Erguendo um pouco a voz, na qual se percebeu um timbre ligeiramente sarcástico, o Pastor Stewart ~~exclamou:~~ ~~exclamou:~~ exclamou:

- E até de petróleo!

Depois continuou:

- Por coincidência, geólogos brasileiros e americanos, contratados pelo governo brasileiro, pesquisam petróleo e gás em regiões não muito distantes de nossa missão.

- Coincidência perigosa - comentou Dorothy Spencer, também com divertida ironia. - Será que irão dizer que estamos espionando o trabalho daqueles geólogos, técnicos e engenheiros?...

- Em toda a parte existe este tipo de preconceito contra nossas missões - prosseguiu o ~~missionário~~ Pastor evangélico. - É a pecha maldita de "imperialista" e "dominador" que acompanhou os ingleses no século passado, e agora se dirige aos americanos, neste século. São tolices absurdas, que sepultaremos no ridículo, dando exemplo de devotamento àquela população desamparada, dizimada por doenças, analfabeta e miserável.

Antes de concluir, Stewart ainda advertiu:

- Estes, no entanto, são problemas secundários, caros irmãos. Nossa missão evangélica, assistencial e educacional transcende esta campanha tola e injusta e se coloca em primeiro lugar, com absoluta prioridade, na atividade missionária que iremos exercer na selva amazônica.

Nesse instante, William Stone, um educador de meia-idade, recém-egresso na seita protestante, perguntou com certa impaciência:

- E para quando é a partida, Pastor Stewart? Já se tem uma data?

- No máximo em duas semanas - garantiu o líder religioso. - Falta somente chegar o numerário de São Francisco. O embarque será feito em Los Angeles, em vôo regular para a América do Sul. Em Bogotá trocaremos o "Boeing" por um DC-3 que nos levará a Letícia. E lá, na fronteira com o Brasil, embarcaremos num barco, que chamam de gaiola, no qual desceremos o rio Solimões até Codajás.

- É viagem que não acaba mais, Pastor!

- Longa sim, muito longa, irmão. E devo alertar a você e a todos os outros: não esperem conforto. Nossa missão é de sacrifício, em região de calor escaldante e muito primitivismo. Mas teremos compensações espirituais e a contemplação de paisagens telúricas de beleza arrebatadora!

E concluiu:

- Não se esqueçam nunca de que Cristo sofreu muito mais.

- VI -

O navio brasileiro "Rosa da Fonseca", em viagem turística pelo litoral, atracou no porto de Salvador numa manhã ensolarada. ~~de~~

Fretado por agência de viagem sediada em São Paulo, o transatlântico transportava quase duas centenas de passageiros embarcados nos portos de Santos e Rio de Janeiro e procedentes de vários Estados, predominantemente do Rio, São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul.

Era um barco moderno e elegante, em itinerário que incluía Salvador, Recife, Fortaleza, São Luiz, Belém do Pará e Manaus.

→ Até Salvador a viagem transcorreria em clima de festa, com danças, espetáculos musicais, projeção de filmes, banhos de piscina e outros entretenimentos.

Para quase todos, a verdadeira festa seria a escala na capital da Bahia, com duração de três dias movimentadíssimos.

Entre os passageiros do barco turístico havia gente de profissões, classes, atividades e recursos financeiros diversos. A grande maioria era, contudo, da classe média, atraída pelo pagamento da viagem em dez prestações. Exatamente a parte mais festiva e animada daquela humanidade em

férias e distanciamento dos problemas e agruras de uma vida difícil, mal-remunerada e agitada por escândalos, violência, corrupção e falta de perspectivas de trabalho para as novas gerações oriundas das universidades.

Em Salvador era, exatamente, o recanto ideal para um tipo de terapia física e mental marcada pela excitação e a euforia, pois era pródiga em atrações turísticas variadas e exóticas.

Para iniciar a programação diversificada, grupos de dançarinos, cantores, musicistas e participantes de grupos de capoeira e ritmos locais, receberam ruidosamente os passageiros do "Rosa da Fonseca".

Depois os guias da agência de viagem iniciaram a programação habitual, documentada por câmeras fotográficas e de filmar, atentas àquele povo trepidante e miscigenado.

Conhecer a Bahia era o sonho de incontáveis brasileiros e turistas estrangeiros.

"Todo brasileiro, do Sul ou do Norte - escreveram Darwin Brandão e Motta e Silva no livro-guia "Cidade do Salvador" - sente vontade de conhecer a Bahia, suas "trezentas e sessenta e cinco igrejas", e seus candomblés; tem vontade de subir no Elevador Lacerda, de comer os quitutes gostosos da cozinha baiana: um vatapá, um caruru, um efó. Vontade de ver a Rampa do Mercado, ouvir histórias dos saveiristas; rezar na "Igreja Toda de Ouro", visitar seus monumentos cívicos e religiosos, como se estivesse assistindo ao desenvolvimento cultural e histórico do nosso povo".

Os viajantes do "Rosa da Fonseca", como tantos outros, também visitaram igrejas, não as 365, evidentemente, mas, entre outras, a de São Francisco, a do Convento do Carmo, a de Santo Antônio da Barra, a do Senhor do Bonfim, a de Nossa Senhora da Conceição da Praia.

Visitaram o Forte de São Marcelo, percorreram a Rua Chile, a Praça Municipal e fizeram compras no Mercado Modelo, adquirindo roupa, sapatos, comida, redes, cestas, amuletos, ervas, balangandãs, pombas, peças de cífro e osso, búzios, bichos, temperos, aperitivos de folhas, "de todos os paladares e cores: dândá, cidreira, catuaba, rabo-de-galo, gengibre, capim cheiroso, agrião, guaco, jenipapo, salsa, milhomem, etc."

Bandos de forasteiros e turistas de todos os quadrantes, inclusive de países das Américas e da Europa, transitavam, numerosos e irriquetos, com suas câmeras a tiracolo, nos famosos Largo e Ladeira do Pelourinho, o "coração de Salvador", "que guarda as angústias de sangue de um povo que tem namx memória a pedra dos infamantes suplícios".

Entre os passageiros do "Rosa da Fonseca" poder-se-ia destacar um casal em lua-de-mel, Elza e Osvaldo Alves Pereira, ela do interior de Minas, ele nascido em Campos, no Estado do Rio. Huito jovens, também se entregaram ao ritual dos recém-casados, chamando a atenção pelo comportamento amoroso, que exprimiam através de beijos e carícias intermináveis.

Elza, de pouco mais de vinte anos, era lindíssima, os longos cabelos alourados, olhos azuis, o semblante de grande doçura e o corpo de proporções perfeitas. Osvaldo, formado em Arquitetura, trabalhava no Rio e conhecera Elza em viagem a Belo Horizonte, onde ela morava com a família, no bairro de Nova Suíça.

Era a primeira vez que os dois visitavam a Bahia. Faziam-no com um deslumbramento efusivo e contagioso, fotografando tudo o que viam com olhos excitados e minudentes.

O roteiro elaborado pela agência de viagem incluía, evidentemente, uma visita a terreiro de candomblé. "Uma das melhores emoções que qualquer pessoa poderá sentir, chegando à cidade de Salvador" - explicava Darwin Brandão, - é ser convidado para apreciar um candomblé, definido desta forma por Edison Carneiro: "O candomblé incorpora, funde e resume as várias religiões do negro africano e sobrevivências religiosas dos indígenas brasileiros, com muita coisa do catolicismo popular e do espiritismo".

Depois passa a descrever o recinto do ritual afro-brasileiro:

"Há sempre um pequeno altar com imagens e registros católicos na sala das festas, mas os seres que vêm ao terreiro são legítimos deuses africanos, o deus do ferro Ôgún, o deus da caça Óxósse, o deus das tempestades Xangô; são personificações das tribos naturais do país, como a Tupinambá; são figuras fantásticas, que ora divinizam as árvores, como Lôko e Juremeiro, ora idealizam uma profissão, como o Boiadeiro; são antepassados comuns, que se singularizam no favor dos deuses, como os égúns. Assim se realiza a comunhão dos seres humanos com os deuses e com

os ancestrais. Não se trata de uma vaga comunhão espiritual, simbólica e remota, como no catolicismo, nem de uma simples ligação passageira e acidental com os mortos, como no espiritismo".

A agência de turismo, como de outras vezes, transportou em ônibus inúmeros passageiros do "Rosa da Fonseca" ao terreiro do Jesuíno, na Vila América, instalado num barracão, no alto de uma colina, que se alcançava por uma escadaria de cimento.

O salão tinha uma coluna ao centro, bancos ao redor e, na cumeira, o símbolo ou fetiche do santo, padroeiro da casa.

À noite, uma noite quente e estrelada, o salão do Jesuíno estava abarrotado, com boa parte dos passageiros do navio atentos à cerimônia mágica e ruidosa, protagonizada por "pais", "mães-de-santo", "filhas" e "ogãs", além de ritmistas de atabaques, pandeiros, cabaças, agogôs e outros instrumentos da liturgia baiana, como o ru, rumpi e o lê.

→ No meio dos visitantes, Elza e Osvaldo acompanham, graves e compenetrados, o espetáculo, iniciado pouco antes com toques especiais dos atabaques, "conclamando as "filhas" e "filhos-de-santo" para os primeiros atos no salão".

A cerimônia prosseguia com as "filhas-de-santo", vestidas como as clássicas baianas, com suas saias de roda e uma toalha de pano de costa, ou xale, no ombro. Foram colocar-se em círculo, em torno de uma garrafa de azeite de dendê, um prato com farofa e um copo de cachaça.

Qm Fez-se, então, um despacho ("padê") de Exu, a quem se pedia licença para realizar a cerimônia, que ele poderia perturbar, se não fosse homenageado. Os atabaques vibraram com mais intensidade, enquanto as "filhas", em coro, entoavam cânticos para Exu.

Uma delas, a mais velha, chamada de "sidagã", foi dançar em volta da comida sagrada. Em seguida, recolhendo um pouco de azeite, farofa e um gole de cachaça, foi atirá-los à entrada do barracão, para que "o homem da rua possa receber".

O espanto dos espectadores cresceu quando, subitamente, a "filha-de-santo", servidora de Ôgún, a quem servia de cavalo, ou veículo, para comunicar-se com os mortais, começou a contorcer-se, andando como bêbada de um lado para outro, até que, vencida pelo orixá, transfigurou-se, em transe, com os olhos desmesuradamente abertos.

Sentindo-se possuída pelo deus fetichista, a "filha-de-santo" tomou nos braços uma criança franzina, que atirou para o alto e amparou, diante do assombro dos visitantes. Soprou-lhe, em seguida, a barriga, os ouvidos, e começou a entoar "sotaques", alusões desagradáveis aos desafetos.

Enquanto isto, dançando em torno da servidora de Ôgún, as "filhas-de-santo", movimentando a cabeça, pernas e braços, entoavam nostálgicos e monocórdios cânticos a Iemanjá e Yansan.

"De repente - escreve Darwin Brandão - uma das "filhas" cai em transe e, com os olhos fechados, começa a andar estonteada pelo salão, os dentes cerrados, feições completamente aterradas. Foi o orixá que "baixara". Naquele exato instante, surgiu no salão uma auxiliar para amparar-lhe a cabeça, procurando acalmá-la, apertando-lhe uma toalha na barriga.

"A filha-de-santo" imobilizou-se, de pé, como sonâmbula, o corpo indo lentamente para a frente e voltando ao mesmo lugar, os braços distendidos verticalmente. Daí em diante a cena litúrgica tornou-se mais animada. Os atabaques modificaram o ritmo, festejando a chegada dos orixás!

O instante mais impressionante e, por isso mesmo, inesperado, aconteceu com a chegada de Jesuíno, um negro alto e magro, a carapinha branca, metido num traje azul e acetinado, simbolizando a figura sagrada do deus de ferro, Ôgún. Carregava numa mão, as "ferramentas": um feixe de pequenos instrumentos de lavoura, machado, foice, enxada, pá, picareta, etc. Na outra mão, trazia, reluzente e ameaçadora, a espada guerreira.

Brandindo a espada, Jesuíno, de um salto, ganhou o centro da roda, entregou a uma coreografia frenética, eletrizando a festa, enquanto "mães" "pais" e "filhas-de-santo" submetiam-se passivamente a seu poder.

Perito na dança e na luta guerreira, o negro percorreu o recinto debaixo do ruído ensurdecedor dos atabaques, dançando com agilidade e rapidez.

A festa chegou ao clímax quando um bode foi trazido ao centro do salão. O animal, muito assustado, berrava, tentando libertar-se. Efetivamente, instantes depois, foi solto. Antes, contudo, que escapasse, o animal teve a cabeça decepada pelo golpe fulminante da espada que Jesuíno brandia.

A cabeça do bode voou e foi cair justamente aos pés de Elza e Osvaldo, espargindo sangue na saia branca que a moça vestia. Apesar do susto

e do enorme assombro que se apossaram do casal, Elza e Osvaldo permaneceram imóveis, fixando no negro um olhar assustado e respeitoso. Jesuíno aproximou-se dos dois jovens, inclinou-se diante deles, como se pedisse desculpas, mas nada disse. Afastou-se, imponente, caminhando lentamente, até desaparecer por trás de uma cortina vermelha que separava o salão de um pequeno compartimento repleto de imagens e instrumentos do candomblé.

A cerimônia, no entanto, prosseguia com as sacerdotisas, possuídas por seus "santos", voltando ao centro da roda, saudadas com cânticos e batidas especiais da percussão.

"Cada qual com sua insígnia, formavam um desfile magnífico e colorido. Yansan dançava devagar, como que tendo um filho nos braços. Xangô, que era violento, às vezes dava pulos e berros impressionantes. Janaína, vaidosa e ciumenta, dançava com a mão diante do rosto, como se olhasse num espelho invisível, ajeitando os cabelos, penteando-se. Ela, com seus encantos de sereia, podia vingar-se dos saveiristas, levando-os para seu palácio de ouro e marfim, no fundo do mar, onde nunca mais voltariam. Oxóssi, deus da caça, dançava com gestos de caçador, de arco e flecha".

Com a dança dos orixás, a festa do candomblé chegava ao fim. Os visitantes começaram a se retirar. Elza, pálida, assustada ainda com o incidente que lhe manchara a roupa com o sangue do animal, saiu abraçada ao marido, que procurava consolá-la:

- Amanhã te compro uma roupa nova, amor - prometeu Osvaldo, com um beijo, à mulher, que observava o prejuízo que o candomblé lhe dera.

- Se lavar bem, as manchas desaparecem - opinou Elza, preocupada com o alto preço das roupas que observara na Rua Chile.

Osvaldo adquiriu uma expressão pensativa e grave. Depois comentou, como se tivesse uma intuição, qualquer coisa que os ameaçava:

- Não, não, Elzinha! Você não torna a vestir esta roupa.

- Que bobagem, amor! Roupa suja a gente lava e torna a vestir.

- Esta não, meu bem. Esta você não usa mais. Vai ser jogada fora.

Quando acabaram de descer a escadaria, na ~~rua~~ <sup>matrugada</sup> ~~suburbana~~ <sup>suburbana</sup>,

um velho, a cabeça branca, o rosto riscado intensamente pelas rugas, aproximou-se dos dois e ofereceu um fetiche:

- Compre, moça, compre esta lembrança do Jesuíno.

- É seu parente? - perguntou a moça, observando a semelhança do negro com Jesuíno.

- É meu filho, dona - respondeu o velho, com o fetiche estendido. Leve a lembrança da Bahia. É baratinho.

A imagem era de ferro esculpido, representando Exu, ou Élégbara, armado com sete espadas, também de metal, sombilizando os sete caminhos de seus domínios.

O casal não conhecia o caráter malfazejo do orixá, dono de forças ocultas do mal. Compraram o fetiche, que o arquiteto guardou numa bolsa de couro, comprada, pela manhã, no Mercado Modelo.

- VII -

A França é o único e derradeiro país europeu a manter territórios no Pacífico Sul. Suas possessões - Nova Caledônia, Polinésia, Wallis, Futuna e Mururoa, eram os remanescentes de um império que, em 1959, se compunha de trinta ilhas e regiões, espalhadas por todos os continentes, inclusive a América do Sul.

Além da França, somente os Estados Unidos detinham possessões naquela região da Oceania, dominadas pelo poderio econômico e militar da Austrália e Nova Zelândia, as duas mais combativas nações que se antepunham à militarização da região, <sup>e lutavam . . . pela</sup> ~~d~~escolonização dos territórios franceses e, principalmente, pelo fim dos testes nucleares.

*Em* Os franceses, contudo, rejeitavam sistematicamente os apelos e as pressões daqueles e outros países, como os Estados Unidos e a União Soviética. Sua argumentação era imutável: "tanto Mururoa e a Guiana são imprescindíveis para manter nosso nível tecnológico e a defesa independente do país".

Nas intermináveis discussões em torno das colônias francesas do Pacífico, citava-se frequentemente o caso de Somoa, Nauru, as ilhas Fidji e o reino de Tonga, Nova Guiné e outros territórios desmembrados da Grã-Bretanha, mas ainda fazendo parte da Commonwealth.

Por toda a parte, no imenso arquipélago da Oceania, a bomba atômica era uma presença odiada e sinistra. Hiroshima, Bikini, Maralinga, Emu, Monte Bello, na Austrália, eram lembranças traumáticas do passado, como Mururoa o era do presente.

→ Vista de longe, ou do alto, Mururoa não parecia diferir de milhares de outras ilhas do Pacífico Sul.

Medindo, de circunferência, apenas 63 quilômetros, com belas praias batidas pelo forte sol tropical, o atol abrigava uma comunidade de aproximadamente três mil técnicos nucleares, contratados pelo Comissariado para a Energia Atômica e integrantes do "Centre d'Expérimentation du Pacifique" (C.E.P.).

Sob os coqueiros, técnicos, engenheiros nucleares e eletrônicos, ou funcionários administrativos, poderiam facilmente ser confundidos com turistas atraídos pela beleza paradisíaca daquelas ilhotas que Gauguin pintou com genialidade e paixão.

Com as camisetas ao vento, os "shorts", que também lhes serviam de calção de banho, os franceses tostavam-se ao sol, divertiam-se jogando peteca, bebendo em bares e biroscas à beira-mar, praticando tênis, futebol e vôlei, ou simplesmente descansando no interior dos bangalôs, como se estivessem em preguiçosa vilegiatura num clube à beira-mar.

Um pouco retirados dos colegas, numa praia próxima ao setor residencial do Centro, Michel e Denise Artaud, sentados na areia da praia, não aparentavam tranquilidade, ou harmoniosa convivência. Discutiam em voz baixa e irritada. E, como de outras vezes, o motivo era a prolongada permanência no distante recanto do Pacífico.

Casados há dez anos, Michel e Denise pesaram os prós e contras quando um contrato vantajoso e muito bem remunerado lhes foi apresentado pela direção do Comissariado: uma temporada de trabalho no C.E.P. por um período máximo de doze meses. Dozes meses prolongados para mais um ano, contrariando os planos de Denise, impaciente pelo regresso a Paris.

Michel Artaud formara-se em ~~Engenharia~~ Física nuclear na Universidade de Paris, onde nascera e conhecera a bela desenhista de moda Denise Gaston.

Homem de 45 anos de idade, trabalhara, durante algum tempo, na central nuclear de *Chinon* e lá granjeara prestígio e uma reputação de excelente técnico nuclear, motivo pelo qual foi contratado, com um salário bem maior do que o que recebia na França continental.

Quando faltavam trinta dias para o término do novo contrato, Michel interessou-se por novo período de um ano, e isto deixou Denise extremamente contrariada. O conflito instalou-se na intimidade do casal. Em pouco tempo toda a comunidade ficou sabendo que surgira uma séria e áspera discordância na família Artaud, composta do casal e dois filhos menores,

matriculados em escola de Papeete.

Naquele domingo, na praia, a discussão que, outra vez, os atormentou, aos poucos adquiriu tons dramáticos e definitivos.

Denise, a certa altura, anunciou que, se o contrato fosse prorrogado, voltaria a Paris com os filhos. Se Michel não concordasse, pediria divórcio.

E desabafou, com uma irritação que chegou a espantar o cientista:

- Não aguento mais este lugar, Michel! Não aguento! Estou ficando neurótica nesta solidão, neste fim-de-mundo! No próximo mês volto a Paris de qualquer maneira, com você, ou sem você!

Michel tentou convencer a mulher das vantagens do novo contrato:

- Com o salário que o Comissariado me ofereceu, Denise, e com as economias que fizemos em Mururoa, poderemos comprar a casa de Versailles que você sonha há tanto tempo!

- Não confio mais, Michel! Daqui a um ano, vem novo contrato...

- A diretoria concordou em me conceder sessenta dias de férias em Paris...

- E depois voltamos para este inferno! Não, meu caro, de forma alguma. Se você insistir, volta sozinho depois das férias!

- Você está sendo desarrazoada, Denise! Sua intolerância é irracional! Não vejo motivos para essa pressa em regressar a Paris! Fazer o quê, na capital? Ganhando aquela miséria?!

- Miséria, miséria?! - retrucou Denise quase aos gritos. - Eu ganhava o dobro de você, e já estava prestes a abrir a "boutique", com Claire e Michelle. Você cortou minha carreira, jogou fora a oportunidade de montar meu próprio negócio! Fiz grande sacrifício, acompanhando você nesta merda de lugar! Agora chega! Não aceito, não aceito mais este sacrifício ridículo e inútil!

Levantou-se, transtornada. Antes de voltar ao bangalô, ainda disse:

- Estamos entendidos, Michel! Se você assinar o novo contrato, volta sozinho para este inferno! Ou isto, ou o divórcio!

E se afastou apressadamente. Michel, o semblante sombrio, ficou pensativo, cabisbaixo.

Michel Artaut pertencia a um grupo extremamente restrito de franceses e cientistas que acompanhavam a fabricação <sup>em Pierrelatte,</sup> de uma bomba termonuclear de megatons desconhecidos, de enorme potência. O petardo seria testado no Pacífico e encerraria o ciclo atmosférico que provocara tanta polêmica no mundo inteiro. E, pela primeira vez, seria lançado de avião, e não mais de balão.

Em torno do artefato nuclear circulavam, sigilosamente, informações técnicas que deixavam técnicos e cientistas alvoroçados e cheios de uma expectativa quase temerosa. Sabia-se, por exemplo, que sua fabricação centralizava grandes recursos, homens e organizações ligados à "Force Nucléaire Stratégique", sediada no campo de prova de Landes, a sudoeste da França e a pouca distância de Bordeaux.

Sabia-se, inclusive, que a nova e poderosíssima bomba seria transportada ao Pacífico pelo Mirage-IV, decolando da base de Mont-de-Marsan e, horas mais tarde, aterrissando na base de Papeete, no Tahiti.

Essas eram informações que provinham da França e traziam uma movimentação invulgar no atol de Mururoa. O casal Artaut, como centenas de outros, também ~~em~~ instalados na Polinésia francesa, sofria os efeitos dessa expectativa já radicada em seus hábitos, mas agora acrescida consideravelmente pelas informações que a distância da França continental ampliava com força inusitada.

O drama de Michel Artaut era, provavelmente, maior do que o de seus colegas: entrara em rota de colisão com Denise, que se opunha firmemente à renovação do contrato e, com ele, a continuação da permanência no Pacífico, que já a transtornava, afetando a vida conjugal que era, antes, tranqüila e amorosa.

*Am*

SEGUNDA PARTE

- VIII -

→ No dia 12 de agosto de 1976 dois aviões a jato preparavam-se para decolar de aeroportos civis dos Estados Unidos. O primeiro, em vôo fretado, do Aeroporto John Kennedy, de Nova York, com destino à região Amazônica, conduzindo um grupo de empresários, banqueiros, industriais, comerciantes, executivos e profissionais liberais, aficionados da caça e pesca, em período de férias. O segundo, em vôo regular de linha comercial, do Aeroporto de Los Angeles, igualmente com destino à América do Sul, conduzindo passageiros americanos e latino-americanos de diversas profissões, inclusive um grupo de religiosos, membros da igreja Adventista do Sétimo Dia, iniciando longa viagem até a cidade de ~~Coari~~ <sup>Codajás</sup>, no Amazonas, onde a seita instalara, dez anos antes, uma missão religiosa e assistencial à população amazônica.

Tanto a sala de espera do aeroporto de Nova York, como a de Los Angeles, naquela manhã agradável do verão americano, refletiam o clima agitado e ruidoso das partidas aéreas, reunindo passageiros, familiares e amigos em meio a malas, bagagens, carregadores, seguranças e autoridades alfandegárias.

No John Kennedy o vôo fretado fizera aglomerar no saguão de espera o grupo dissímile dos caçadores e pescadores, acolhidos pelos representantes da "World Safari Tours", que conferiam a lista de passageiros, preocupados com a chegada dos retardatários.

Hum grupo, a poucos metros do balcão de "check-in" da empresa de "charter", Arthur Pellman <sup>o sua mulher</sup> conversavam com Paul Hendersen e Judith, sua esposa, sorridente e cheia de cuidados com o marido.

Quando a senhora Pellman distinguiu, noutro grupo, num canto do saguão, a linda secretária do marido, Shirley Randon, não se conteve e, nervosamente, interrompeu a conversa de Pellman com Hendersen e, com irritação na voz, indagou:

- Aquela não é sua secretária, Arthur? O que faz aqui?! Vai também viajar?

Pellman não gostou da pergunta e, com entonação seca, quase ríspida, respondeu:

- Ora, Myrian, isto é problema dela. É maior de idade e decide seus atos!

- Já que não respondeu o que perguntei, o melhor é saber dela própria se viaja ou não!

E quis se afastar, a caminho do grupo de Shirley. Arthur Pellman, rapidamente, deteve-a pelo braço, dizendo extremamente irritado:

- Por favor, Myrian! Deixe aquela moça em paz! Não quero escândalo! Mais adiante, Shirley percebera a difícil situação criada com o casal Pellman. E se afasta, misturando-se entre os passageiros que se despedem, entre beijos, abraços e recomendações.

Pellman despede-se friamente da esposa e, taciturno, aproxima-se do portão de embarque.

No interior do Boeing vai sentar-se ao lado de Shirley, calado, afetado ainda pelo ríspido diálogo com Myrian, sua mulher.

Shirley fita-o amorosamente, compreendendo tudo. Depois toma-lhe a mão que ele, discretamente, beija. Gesto, contudo, percebido por Paul Hendersen, que não esconde um sorriso cúmplice e discreto.

*Deu*

De uma base aérea francesa na região de Landes, próxima a Bordeaux, decola, em dia indeterminado do mês de agosto de 1976, um avião supersônico Mirage IV-E, em vôo secreto à Polinésia Francesa, no Pacífico.

~~Instalada a bordo do avião francês, câmera revela a paisagem que, pouco a pouco, vai desaparecendo entre as nuvens rompidas pelo jato.~~

A rota, ~~gradativamente documentada pela câmera,~~ inclui pousos tácticos, para reabastecimento, em Dacar e, após a travessia do Atlântico, na Guiana Francesa.

Reabastecido em Cairna, o Mirage alça vôo e cruza a região Norte do Brasil, mostrando, do alto, a paisagem da Amazônia, seus grandes rios, sua gigantesca floresta equatorial.

Em seguida, como um bólido, a aeronave deixa ver, na linha do horizonte, a silhueta imponente da Cordilheira dos Andes, fechando, como enorme muralha, a planície amazônica.

A cadeia impressionante, com seus altos picos nevados, quase toca o bojo do avião supersônico. Após ultrapassar o muro andino, o Mirage voa sobre o Oceano Pacífico, deixando para trás a massa continental

Mais adiante mostra, de grande altura, o conglomerado de ilhotas que compõem o Atol de Mururoa, na Polinésia Francesa. Começa então a descer, aproximando-se da base do "Centre d'Experimentations Nucléaires du Pacifique", em Papeete, onde pousa, encerrando sua vertiginosa viagem.

Instalada agora a bordo de um helicóptero, câmera focaliza do alto a ilha do Atol, na qual um exército de técnicos e cientistas ultima os preparativos para a explosão de um grande artefato, forma mais potente e aperfeiçoada da bomba H.

O helicóptero desce, enquanto a câmera cinematográfica detalha as instalações da base, até pousar em ponto próximo ao comando do teste nuclear, onde se ultimam os preparativos para o teste nuclear.

11. Em corte direto, a imagem do Atol de Mururoa substitui-se pela  
imagem

ruidosa e movimentada do Aeroporto Internacional John Kennedy, em Nova York.

Aproximando-se do edifício de uma empresa aérea, câmera detalha um grupo animado de turistas norte-americanos, prontos para embarcar num Boeing, para vôo "charter" da Agência "World Safari Tours", com destino a Manaus e a ilha de Trindade para temporada de caça e pesca.

Em novo deslocamento, focaliza-se agora, no Aeroporto de Los Angeles, outro grupo de turistas, religiosos e missionários norte-americanos e canadenses, aos quais se agregam oito geólogos contratados pela Petrobrás, para serviços de <sup>ma</sup> pesquisa e prospecção na região amazônica.

Os religiosos, geólogos e turistas, com destino à América do Sul, encaminham-se para um Boeing da "Braniff", em viagem regular ~~vôo~~ <sup>vôo</sup> Caracas Bogotá, Lima e Rio de Janeiro.

Alternando-se com a movimentada preparação da viagem, em Nova York e Los Angeles, câmera passa a documentar o meticuloso trabalho científico dos técnicos do Observatório da NASA, em Houston, aferindo, com instrumentos de grande sofisticação, os fenômenos atmosféricos e ~~climáticos~~ <sup>meteorológicos</sup> de nosso planeta, informados via-satélite.

Enquanto isto, no Atol de Mururoa, câmera registra os instantes finais da detonação nuclear. Os cientistas colocam no avião, em dispositivo especial, o enorme artefato, enquanto, em sala especial, ultimam-se plano de vôo e providências para o novo teste francês.

No Aeroporto de Nova York o grupo de turistas, riquíssimos aficionados da caça e pesca, sobe a escada do Boeing fretado. Câmera se movimenta no aparelho, revelando traços característicos do temperamento e psicologia de seus ocupantes, com ênfase para alguns deles, personagens centrais de nossa história: banqueiros, industriais, grandes executivos, alguns velhos e, na maioria, homens de meia-idade. Entre eles, destacando-se pela juventude, um casal recém-casado: Julie, riquíssima herdeira de um conglomerado industrial, e Frederic, vice-presidente de poderoso grupo financeiro de Boston.

O grupo toma seus lugares na aeronave, instalando a bordo câmeras máquinas fotográficas e diversificados apetrechos de caça e pesca.

Nesse mesmo instante, milhares de quilômetros a Oeste dos Estados

Unidos, o grupo de missionários, geólogos e turistas californianos embarca no jato da "Braniff", no Aeroporto de Los Angeles.

Um pequeno incidente, provocado por confusão de lugar e bagagem, permite que travem conhecimento uma religiosa, Dorothy, e um dos geólogos, Michael, cuja simpatia recíproca se amplia quando descobrem ter nascido na mesma cidade natal, no Missouri.

Sentados próximos, um do outro, na classe turística, os dois conversam sobre a viagem e a região amazônica, descobrindo que vão residir em locais não muito distantes, em Fonte Boa e na região de Tefé, às margens do Solimões.

No Observatório de Houston, um de seus técnicos registra, em relatório especial, a formação de correntes aéreas de grande intensidade no Pacífico, deslocando-se para o litoral sul-americano.

Enquanto isto, no Atol de Mururoa, os aviões levantam vôo, navios e embarcações se afastam do ancoradouro, encerrada a primeira etapa do teste.

No interior do avião que transporta o artefato, seus pilotos e técnicos transmitem à base as coordenadas do vôo.

Contrastando com a atmosfera de tensão e expectativa, observada no interior do avião-teste, câmera focaliza, em corte direto, o vasto salão do Boeing fretado, fixando a descontração, a movimentação ruidosa dos milionários americanos em seu vôo para o Brasil. Na cabine de comando, o comandante comenta que transporta, naquele avião, boa parte do Tesouro norte-americano, e que cada um daqueles turistas vai gastar, em caçadas e pescarias, mais do que ele ganha num ano inteiro.

A bordo do aparelho da "Braniff" o ambiente é mais austero, influenciado talvez pela presença dos membros da missão religiosa. O grupo protestante, deixando o conforto de sua pátria, parece compenetrado da difícil missão que o espera na Amazônia, e este é o teor da conversa do Pastor Reginald Sparrow, chefe da missão, com seu auxiliar. Uma das religiosas, no entanto, fechada em seu mutismo, sombria e melancólica, parece guardar um triste segredo, posteriormente revelado no desenvolvimento da narrativa.

Após aproximar-se, em helicóptero, da ilha do Atol, câmera passa a registrar aspectos de sua desolada paisagem, onde agora nenhum ser humano transita.

Reina ali um grande silêncio, só quebrado pelo entrechoque das ondas nas formações de coral e nas praias desérticas da ilha.

Rompendo, expressivamente, o expectante silêncio do Atol, o ruído estruendoso do jato fretado, descendo no Aeroporto de Manaus, abre a nova sequência em solo brasileiro.

Em corte direto, outro avião, o Boeing da "Braniff", completa o "parking" no Aeroporto de Bogotá, na Colômbia, de onde os missionários e geólogos norte-americanos se transferem para um "Avro" da empresa "Avianca", com destino a Letícia, na região amazônica.

Em Manaus, alternando a chegada dos grupos centrais de personagens do filme, os turistas norte-americanos são recepcionados por representantes da organização de caça-e-pesca e conduzidos, em ônibus, para o Porto, onde ocupam embarcação destinada ao acampamento, na Ilha de Trindade.

Enquanto isto, em ponto longínquo do Pacífico, o avião francês, transportando o artefato nuclear, prepara<sup>52</sup> para a temerária experiência, comandada, em posto de observação, localizado numa ilha da Polinésia francesa, pelos cientistas, agora vistos em modernas instalações de sofisticada tecnologia.

Em Letícia, os missionários e geólogos dos Estados Unidos embarcam no navio-gaiola da ENASA que, descendo o Marañon, atravessará pouco depois a fronteira com o Brasil.

No barco, além deles, vêm-se comerciantes, fazendeiros e ~~adivinhos~~ <sup>domos</sup> de seringais, caboclos, de acentuada origem indígena, brasileiros, colombianos e peruanos em viagem de negócio.

A montagem paralela das sequências agora instala a câmera no rústico embarcadouro da Ilha da Trindade, próximo à foz do Rio Madeira e às margens do imenso Rio Amazonas. Na outra margem, quilômetros além, a silhueta da mata virgem, na ~~saor~~ Ilha Tupinambarana.

O barco da agência de viagens aproxima-se do cais, junto ao qual ônibus e veículos estão prontos para conduzir os turistas ao acampamento, numa clareira da mata.

Os milionários desembarcam, assestam suas câmeras para todos os lados, documentando, com excitação, a majestosa paisagem amazônica, no término de sua longa viagem.

Outra embarcação, de maior dimensão, o vapor da ENASA, aproxima-se

agora da cidade ribeirinha de Fonte Boa, no Solimões. Ali desembarca o grupo de religiosos, despedindo-se de Dorothy, o jovem geólogo que ainda segue viagem, rio abaixo.

- X -

A ação do filme agora se transfere, em grande contraste de imagem, para a sede da experiência nuclear francesa, na qual técnicos e cientistas coordenam os últimos preparativos para a explosão, ligando instrumentos e testando dispositivos finais. Tem início, então, dramaticamente, a contagem regressiva, registrada em painel eletrônico e produzindo clima de grande expectativa em todos que ocupam os postos de comando e observação.

Enquanto isto, no continente sul-americano, os milionários norte-americanos alcançam a sede do acampamento de caça-e-pesca, engenhosa e pitoresca reunião de diversas cabanas, construídas no estilo de maloca indígena, dispostas em círculo. No centro do acampamento, em construção de alvenaria, o Clube Internacional de Caça e Pesca dispõe de bar, restaurante, sala-de-estar, sala de leitura, centrais de telefonia, telex e rádio-emissor.

Os turistas ocupam suas cabanas, dotadas de ar-refrigerado, quarto e sala de banho, fotografando tudo, inclusive os caboclos, empregados do clube, com seus fortes traços indígenas.

Em corte direto, outros caboclos, índios aculturados, ajudam os geólogos americanos a transportar sua bagagem, conduzindo-os ao acampamento da Petrobrás, próximo à aldeia de Alvarães e à cidade de Teffé.

Michael, que já estivera antes no Brasil, fala arrevesadamente o português e manifesta grande alegria ao reencontrar antigos amigos brasileiros com os quais se confraterniza.

- XI -

A expressão alegre do americano e do brasileiro, em seu eufórico reencontro, agora se substitui pela expectativa que antecede, na grande sala de comando, a novo teste nuclear francês.

A contagem marca o número 10, mostrada no contador eletrônico.

10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1 e, concluindo a dramática regressão, o número fatídico: 0.

O chefe da equipe, um francês gordo, sentado diante da mesa de controle, aciona o botão.

Imediatamente, quilômetros adiante, o dispositivo de controle remoto libera, no avião-teste, o grande artefato nuclear nos céus do Atol.

Painéis, telas e vídeos de circuitos fechados, além de inúmeros instrumentos científicos, passam a registrar a formidável explosão.

Ela, de fato, ocorre, no ponto previamente determinado. A impressionante detonação gera a grande nuvem, em forma de cogumelo, que se eleva e se dilata no claro espaço do Pacífico.

Eis que, trazendo enorme inquietação aos cientistas, constata-se imprevista anormalidade: a explosão se produzira em altitude acima das previsões, como resultado de fenômenos meteorológicos inesperados e, provavelmente, de algum defeito no altímetro.

Tanto na sede da experiência, como no Observatório de Houston, a explosão e, posteriormente, o registro da estranha irregularidade são imediatamente constatados.

- XII -

No Observatório norte-americano, onde se fixa o progressivo desenvolvimento das velozes correntes aéreas do Pacífico, uma atmosfera de dramática expectativa acompanha a atividade dos cientistas, principalmente quando se descobre que a explosão francesa gerara enorme massa de ar superaquecido, impulsionada pelas correntes aéreas em direção ao continente sul-americano.

Os técnicos e meteorologistas norte-americanos conferenciam em seu local de trabalho, examinam mapas e painéis eletrônicos, seguem atentamente as informações científicas emitidas pelos satélites que circulam nas regiões afetadas. É nítida, tanto no Observatório dos Estados Unidos, como na sede operacional francesa, no Pacífico, a preocupação pelas consequências advindas da anomalia, ainda imprevisíveis.

Grandes painéis e sinais dos satélites acompanham o deslocamento da gigantesca massa de ar aquecido, a caminho da costa sul-americana.

- XIII -

Novamente, em montagem alternada, câmera documenta a ambientação dos norte-americanos na região do Amazonas: os religiosos, em Fonte Boa; os geólogos, em Teffé; os milionários na Ilha de Trindade, próxima a Itacoatiara.

Flagrantes de caçadas e pescarias, no acampamento da "World Safari", além de incidentes envolvendo o grupo principal de personagens, movimentam a narrativa e enfatizam o contraste de sua aventureira temporada na Amazônia com o dramático desenrolar da explosão nuclear francesa.

- XIV -

Novo "décor" paisagístico agora diversifica a exótica ~~parca~~ natureza amazônica.

Em lugar dos grandes caudais, formando ilhas, inundando florestas, agora sucedem na tela aspectos imponentes dos Andes equatoriais, com suas linhas vulcânicas, unidas por serras transversais, formando compartimentos de belo efeito fotogênico.

Entre as Serras Ocidental e Real, estende-se, majestosa, a Meseta de Quito, levantando-se, de um lado, o Antisana e o Cotopaxi e, de outro, o Pechincha e o Chimborazo, a 6.300 metros de altitude, exibindo imponentes picos nevados.

Depois, em seu majestoso passeio panorâmico, câmara descreve os Andes Centrais, ou perúvio-bolivianos, com suas feições mais complexas e, numa primeira seção, o entre o Nó de Loja e o Nó de Pasco, mostra o sistema tripartido, sulcado pelos rios Marañon e o Hualaga.

Próximo, com sua majestosa beleza, a Cordilheira Branca, mais ocidental, dominada pelo pico de Huascarán, a 6.700 metros.

Numa segunda seção, ao sul do Nó de Pasco, alarga-se consideravelmente o sistema andino. A Cordilheira da Costa toma maior relevo, dominada pelo Misti (6.000 metros), enquanto que, mais afastada, a Cordilheira Oriental eleva o Nó de Cuzco a mais de 6.000 metros.

Na terceira seção, finalmente, abre-se o Planalto Boliviano, enorme meseta a 4.000 metros de altitude, disposta em circo, ondulada, e onde se localizam as bacias lacustres do Titicaca e do Poopó. Ai também, na Cordilheira Real, a leste, situam-se os vulcões do Sorata e do Ilimani, enquanto na Cordilheira da Costa se destacam o Sajama e o Parinacota, acima de 6.000 metros.

Esta digressão geográfica, ilustrada diretamente pelas tomadas de expressivos aspectos dos Andes, ora em avião e helicóptero, ora em terra firme, poderá ser realizada por um geógrafo norte-americano, integrante da equipe do Observatório de Houston, explicando a seus colegas a exata configuração orográfica da Cordilheira sul-americana, para onde se dirige, celeremente, a enorme massa de ar superaquecido.

Essa massa, provocada pela explosão errônea no Atol de Mururoa, alcança, efetivamente, o continente sul-americano, à altura da Bolívia, Peru e Equador, berço da maior parte do imenso sistema hidrográfico amazônico.

Tanto nos Estados Unidos, como na Polinésia francesa, o encontro da massa aquecida com a Cordilheira andina é registrado nos sofisticados aparelhos científicos do Observatório e da sede do teste nuclear.

Neste ponto da narrativa, entra em execução o notável e meticoloso trabalho de trucagem e de efeitos especiais das equipes cinematográficas norte-americanas.

A sequência, com dramáticas imagens produzidas pela grande tecnologia das trucagens cinematográficas, fixará as conseqüências do encontro da massa de ar aquecido com os picos nevados dos Andes.

A massa quentíssima provoca o ~~espantoso~~<sup>inevitável</sup> degelo dos cumes nevados e, com isso, a descida, montanha abaixo, de enorme caudal que, alcançando os mananciais da bacia amazônica, neles despeja um volume anormal de água.

Cumulativamente com a anomalia, a massa de ar quente, de baixa pressão, também ocasiona, por sucção, o deslocamento de gigantesca massa *fria*, proveniente da Antártida.

Como resultado dessa sucção atmosférica, as ondas polares deslocam-se rapidamente na direção do equador, aumentando tragicamente as perspectivas de altíssima precipitação pluviométrica.

Este fenômeno, de difícil registro fotográfico, poderá ser visualizado em desenhos, efeitos especiais e, inclusive, por gráficos eletrônicos do Observatório de Houston, com explicações científicas a nível de compreensão pública.

- XVI -

O filme entra agora, como se verifica, numa segunda e dramática parte, na qual se sucedem as impressionantes imagens realizadas pelo trabalho dos peritos cinematográficos norte-americanos.

Esta, em linhas sumárias, poderá ser a esquematização das próximas sequências:

Os rios da bacia amazônica, oriundos do maciço andino, passam a receber, em conseqüência <sup>da chuva e</sup> do degelo, quantidades anormais de água, subindo as sustadoramente de *nível*.

Esse volume extra, alcançando a planície, provoca, como é natural, enorme engrossamento dos rios de proveniência andina: o Marañon, o Napo, o Caquetá, o Ucayali, o Javari, o Içá, ou Japurá, o Jurua, o Purús, o Solimões, etc.

O fenômeno será gradativa e alternadamente percebido por diversas pessoas, em diferentes situações: moradores de povoações andinas, próximas às vertentes amazônicas, cujas casas e propriedades agrícolas serão rapidamente inundadas; pilotos de barcos navegando nos rios da bacia, preocupados com o crescente volume das águas; fazendeiros, seringueiros, milita-

res dos postos fronteiriços; missionários e, com especial relevo, geólogos brasileiros e norte-americanos, pesquisadores da SUDAM, do projeto RADAM e outros moradores da região.

Agravando a situação que, rapidamente, poderá transformar-se em catástrofe, a enorme precipitação pluviométrica, resultante do encontro das duas massas atmosféricas, a de ar quente, oriunda do Pacífico, e a de ar frio, da Antártica, amplia a tragédia e inspira situações espetaculares para o filme.

Por trágica coincidência, os fenômenos anormais, provocados, como se viu, pela explosão nuclear, ocorrem no término do verão abrasador da região amazônica, quando as tradicionais nuvens, portadoras de chuva, grandes e negras, marcham de leste para oeste, provenientes do Atlântico, na direção dos Andes.

→ O encontro dessas nuvens com a massa polar ocasionará uma descompressão adiabática, ocasionando a formação de enorme quantidade de chuva que, inexoravelmente, irá tornar ainda mais dramática a situação existente em função do degelo andino.

Em terra, "balisando sua trajetória trágica, os ventos uivam, levantando trombas de areia, rastejando em trovoadas secas, abrindo-se em redemoinhos, destelhando casas, fazendo sossobrar embarcações, esfarelado os galhos dos cedros e quebrando a ramagem das samaumeiras.

A confluência dos dramáticos fenômenos atmosféricos provoca, na bacia amazônica, não as chuvas tradicionais, frequentes no vale, mas um verdadeiro dilúvio, jamais ocorrido em sua história.

As chuvas, pesadas, compactas, fluem em cataratas que alagam as chapadas, "fazendo de cada dobra de chão, de cada sulco de pedra, de cada reço de encosta o leito íngreme dum riacho".

○ A enchente se avoluma, avassaladora. Os repiquetes desabam terras, arrancam árvores, solapam ravinas, deslocam barrancos, cavam enseadas, arrastando, na vertigem destruidora de seu avanço, plantações e animais, casas e floresta.

Durante horas, dias inteiros, o dilúvio tomba, inunda, alaga, arrasa e destrói tudo na planície.

O formidável caudal do Marañon, do Solimões, do Amazonas e de milhares de seus afluentes, engrossa assustadoramente, invadindo rasos, tesos, igapós e igarapés.

37. Na missão religiosa de Fonte Boa o pânico toma conta de seus moradores. Dorothy, a jovem religiosa do Missouri, revela sua coragem e senso prático, socorrendo companheiras, crianças indígenas e doentes recolhidos na missão, enquanto, no acampamento da Petrobrás, quilômetros abaixo, os geólogos norte-americanos começam a avaliar a extensão do fenômeno meteorológico.

Michael, o jovem geólogo recém-chegado, conhecedor da região, imediatamente compreende o perigo a que se expõe a missão de Fonte Boa, em parte baixa e cercada por grandes caudais.

- XVII -

No acampamento da Ilha da Trindade, a chuvarada interrompe as caçadas e pescarias dos milionários, obrigando-os a se recolher às suas acomodações.

As cabanas, no entanto, pela força dos ventos e das chuvas, ameaçam ruir, forçando seus moradores a buscar refúgio no interior do Clube, de construção mais sólida.

Para lá, na verdade, converge todo o grupo, inicialmente excitado pela chuva torrencial, julgando-a normal na região. Mas quando vêm, pelas janelas, as cabanas arrancadas do chão e se espatifando de encontro às paliçadas e o tronco das árvores, começam a se preocupar pelo desfecho imprevisível da enchente.

- XVIII -

Em Manaus também se fazem sentir os efeitos da catástrofe. Moradores, subbridades, cientistas, militares e velhos habitantes da cidade, habituados ao flagelo cíclico das tormentas, manifestam crescente inquietação diante da intensidade dos ventos e da chuva.

Rememoram-se as grandes inundações do passado: 1859, 1866, 1908, 1909, 1918, 1922, 1931, 1934 e 1953, todos com consequências desastrosas.

Jornais, emissoras de rádio e televisão, telégrafo e telex divulgam para o país e exterior a ocorrência anormal, pedindo, inclusive, providências e socorro para os primeiros flagelados.

Neste ponto, deslocando-se dinamicamente pela região, a câmera passa a fixar flagrantes impressionantes da inundação, enfatizando o sacrifício de dezenas de vidas humanas, animais e o rastro de destruição que a torrente líquida vai provocando no vale.

- XIX -

Concluída a documentação dramática da cheia, câmera volta a mostrar o grupo central de nossos personagens: os milionários da Ilha de Trindade,

os religiosos da missão de Fonte Boa, os geólogos da região de Tefé.

Michael Anderson, afeito ao local, embarca numa lancha a motor e, contrariando as ponderações dos colegas, começa a subir o Solimões, compreendendo o grande perigo que ronda seus compatriotas da missão religiosa.

Sua embarcação risca sossobrar, em meio aos vagalhões das águas engrossadas do Solimões. Perito na navegação, consegue romper o caudal e se aproxima de Fonte Boa.

- XX -

No acampamento da Ilha de Trindade, constata-se que o colossal volume de água começa a invadir rapidamente a terra firme, fechando, como um grau de anel líquido, a mata e a clareira onde se localiza o clube.

O pânico se estabelece, enquanto, destacando-se entre os turistas, um milionário de meia-idade, Arthur Pellman, ~~que~~ com enérgica capacidade de liderança, toma providências, ordena a emissão de pedidos de socorro a Manaus e a Nova York.

Frederic, diante do perigo, revela ~~confiança~~ <sup>indisfarçável</sup> covardia, indo chorar num canto do salão, enquanto sua jovem mulher, Julie é atraída pela máscula determinação de Arthur, industrial divorciado.

Reunindo-se com colegas, aos quais a moça ~~de~~ <sup>de</sup> junta, Arthur, em voz baixa, não oculta o perigo a que estão expostos, mas pede controle e disciplina, recomendando, como única saída, abandonarem o acampamento e, enfrentando a chuva torrencial, tentarem alcançar as partes mais elevadas da ilha.

A sugestão é transmitida ~~aos~~ <sup>demais</sup> outros. Frederic e alguns outros, inclusive à custa da ~~oferta~~ <sup>oferta</sup> de altas quantias de dinheiro, pretendem embarcar nas lanchas do Clube, contrariando as ponderações dos brasileiros, administradores e empregados da organização, que os advertem do perigo das águas enfurecidas do rio.

Frederic, contudo, insiste na tentativa temerária e tenta levar Julie consigo. A moça, no entanto, se nega a acompanhá-lo, chamando-o de covarde e louco, afirmando que segue o grupo liderado por Arthur.

- XXI -

Enquanto isto, transferindo-se para a missão de Fonte Boa, cenas dramáticas também são fixadas pela câmara. A torrente líquida, extravasando o leito do rio, inunda tudo, submerge casas, igrejas e as choças indígenas das imediações. Dorothy, desesperada, vê crianças, mulheres e velhos tragados pela água, enquanto outros, subindo em árvores ou apoiando-se em

troncos de árvores, arrancadas do solo, tentam desesperadamente salvar-se.

Rio Abaixo, Michael Anderson ainda luta contra a fúria do rio, mas já avista, na linha do horizonte, a torre da igreja, o topo de mastros e o telhado das casas mais altas.

- XXII -

Voltando à Ilha de Trindade, câmara agora registra a dramática caminhada do grupo norte-americano. À frente deles, ao lado de caboclos e nativos, conhecedores da região, Arthur Pellman é uma figura viril que transmite ânimo e confiança a seus companheiros. Julie segue pouco atrás enquanto Frederic, acovardado, fecha o séquito infeliz.

A caminhada é entremeada por diversas peripécias: encontro com animais bravios, serpentes, jacarés e grandes pássaros, enlouquecidos pela tormenta, buscando abrigo. Os caçadores atiram, matando os animais, abrindo o caminho na selva que o vendaval agita estrepitosamente.

- XXIII -

Na capital amazonense o pânico também se apossou de seus moradores mobilizando autoridades e os militares dos destacamentos locais. O porto e as partes mais baixas da cidade foram tragados pelas águas, levando navios e embarcações a espatifarem-se contra guindastes de ferro, ou a vagarem, sem rumo, sobre as águas agitadas.

- XXIV -

Nos Estados Unidos a catástrofe ganha manchetes e traz enorme inquietação aos parentes dos norte-americanos envolvidos na tragédia.

O Governo, com presteza, mobiliza seu grande poder de socorro, despachando aviões e grandes jatos cargueiros, com equipes médicas, remédios e alimentos, além de uma esquadrilha de helicópteros a jato.

No Observatório da NASA, ao qual afluem jornalistas de todo o país a catástrofe equatorial vai sendo seguida pelos técnicos, recebendo dados e informações dos satélites que cruzam a região.

- XXV -

A ação do filme, nesse ponto, se acelera, preparando o clímax da história.

No Solimões, transformado em imenso mar de fúria e destruição, a luta de Michael é mostrada dramaticamente. O geólogo, movido por força heróica, consegue manter sua frágil embarcação a prumo, aproximando-se de Fonte Boa.

- XXVI -

Na Ilha da Trindade o terror se apodera de suas vítimas impotentes.

A parte mais elevada, na qual os milionários foram se abrigar, também vai sendo inexoravelmente inundada.

A única saída é alcançar o topo das grandes árvores. E isto é feito, gerando incidentes e sacrifícios de toda espécie.

Arthur Pellman novamente comanda a operação, mobilizando escadas e cordas, fazendo subir à parte mais alta das árvores, além dos companheiros e empregados do clube, armas, alimentos e medicamentos.

- XXVII -

Em Fonte Boa, Michael procura Dorothy, em meio à confusão e ao pânico que dominam a missão. A lancha, percorrendo a zona inundada, quase é tomada de assalto pelos flagelados. Dorothy, sustentando-se num tronco de árvore, é avistada e recolhida pelo geólogo. A embarcação, contudo, recolhendo os moradores desesperados, risca sossobrar.

Avistando crianças, mulheres e companheiros da missão, em perigo de vida, Dorothy tenta salvá-los. A lancha, com excesso de peso e vergastada pelas ondas do rio enfurecido, vai a pique, afogando quase todos seus ocupantes. Michael, no entanto, lutando bravamente, consegue salvar Dorothy da morte, conduzindo-a a um tronco de árvore, afastando-se do trágico lugar.

- XXVIII -

Enquanto isto, os aviões e helicópteros norte-americanos, enviados em socorro, não podem descer nem em Manaus, nem em Belém do Pará, cujos aeroportos foram tomados pelas águas. Dirigem-se então para Georgetown, na Guiana, onde aterrisam, incapazes de prestar o socorro pretendido. De lá, no entanto, depois de reabastecidos, saem os helicópteros, em nova tentativa de socorrer os flagelados.

- XXIX -

Em Manaus, também invadida pela torrente, cenas dantescas ~~destruções~~ são registradas pela câmera. Diante do avanço contínuo das águas, os moradores das partes baixas refugiam-se nos edifícios e arranha-céus da cidade. Alguns deles, no entanto, incapazes de abrigar tanta gente, e com as fundações já solapadas pela torrente, desabam estrepitosamente, levando à morte dezenas de pessoas.

Na ânsia de subir aos andares mais altos, centenas de moradores se pisoteiam, se esmagam contra as paredes das escadarias. Alguns, evitando a morte por asfixia, se atiram do alto das janelas, mergulhando no rio.

- XXX -

Na Ilha de Trindade outras imagens aterradoras também são captadas pela objetiva. Os milionários americanos, alcançando o topo das árvores, enfrentam agora outro perigo mortal, frequente na selva equatorial: animais dendrócolas, aranhas, de grandes membranas abdominais, rãs arboríco-

las, sinimbús, de quase dois metros de extensão, com sua agressiva crista espinhosa, camaleões, com a cauda três vezes maior do que o corpo, gatos selvagens, pumas, jaguatiricas, maracajás, coatis, iraras, furões e, aterradoramente, as grandes e temidas cobras, também buscam abrigo no alto das árvores, fugindo do dilúvio.

Vendo os animais, répteis, aranhas e lagartos de toda espécie e tamanho, os norte-americanos se apavoram mais ainda. Alguns, tentando alcançar partes mais altas das árvores, desequilibram-se, tombam da altura, mergulhando na água.

Outros, na ânsia desesperada de sobreviver, enfrentam os intrusos, aumentando sua ferocidade. Lutas terríveis ocorrem no alto das ramagens: cobras enlaçam e mordem os que a enxotam, estrangulando-as; pumas, jaguatiricas, coatis e outros animais medem forças com os caçadores em pânico, enquanto enormes sinimbús assestam sua crista espinhosa nos que tentam afugentá-los. Equilibrando-se com dificuldade nos ramos, Arthur Pellman, com alguns companheiros, caboclos e nativos, afastam, com armas e galhos de árvores, os intrusos e, na luta impressionante, uns se desequilibram, tombando do alto, enquanto outros tentam subir mais alto.

- XXXI -

O filme chega a seu dramático final. Após "fade-out" e "fade-in", câmara, instalada em helicóptero, passa a documentar a impressionante paisagem de desolação e morte. A imensa planície amazônica transformara-se num imenso oceano barrento, num lago desmesurado de destruição e horror.

Só a copa das árvores mais altas se destaca na massa líquida.

É quando, chegando da Guinana, os helicópteros norte-americanos alcançam a região onde nossa história ocorreu.

Avistando a alta ramagem da floresta da Ilha da Trindade, um dos aparelhos descobre os sinais desesperados de alguns dos milionários, sobreviventes da trágica aventura. Entre eles Arthur Pellman, Julie e poucos outros. Frederic, que tomara do alto, não está entre eles.

Descendo escadas de corda, os sobreviventes vão sendo recolhidos pelos tripulantes dos helicópteros.

- XXXII -

Mais adiante, na região de Fonte Boa, outro aparelho avista os sobreviventes da missão e os recolhe. Entre eles, exauridos pelo esforço sobre-humano, Dorothy e Michael são milagrosamente salvos.

O temporal amainou. A enorme chuvarada, após despejar sua torrente

líquida no vale, vai pouco a pouco desaparecendo.

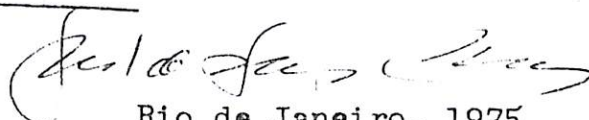
- XXXIII -

Também nos Andes <sup>(a chuva e)</sup> o degelo ~~chegam~~ ao fim, enquanto a massa de ar superaquecida se dissolve no espaço.

As imagens finais do filme mostram, de um ponto elevado, através de vários e dramáticos ângulos, a paisagem desoladora da planície, sobre a qual o vento, que antes sibilava sinistramente, vai pouco a pouco se perdendo na distância.

É uma paisagem crepuscular, mostrando um por-do-sol que nem a tragédia dele retira a deslumbrante beleza poética.

---



Rio de Janeiro, 1975

Belo Horizonte, 2002

Registrado no Escritório de Direitos Autorais  
da Fundação Biblioteca Nacional, do Ministério  
da Cultura, em 8 de fevereiro de 1999.



Fundação BIBLIOTECA NACIONAL  
MINISTÉRIO DA CULTURA

*Escritório de Direitos Autorais*

Certificação de Registro da Obra

Nº Registro : 167.795 Livro : 280 Folha : 438

FLOOD

Protocolo do Requerimento : 1999RJ\_1286.

15 página(s)

Obra não publicada.

Dados do requerente

JOSE GERALDO SANTOS PEREIRA, Geraldo Santos Pereira (Autoria)

C.I.C. - 223.578.187-00

Rua Pompéia, 39/81

Prado

Belo Horizonte / MG, CEP. 30410-130

Para constar lavra-se o presente termo nesta cidade do Rio de Janeiro,  
em 8 de Fevereiro de 1999, que vai por mim assinado.

Analizado por Marcelo Ferreira dos Santos  
O referido é verdade e dou fé.

João Willington

Chefe do Escritório de Direitos Autorais